

todos os agentes da comunidade escolar e exerça tantas pequenas atenções e trabalhos que a crónica dos feitos académicos não regista. Mas é esse esforço escondido que permite e contribui para que outros tenham as condições para avançarem no seu saber.

Além destes méritos, evidentes nos depoimentos que são aqui apresentados, que revelam como os cargos de direcção foram assumidos com grande responsabilidade e sentido de serviço dedicado, queríamos homenagear também outra dimensão não menos importante para quem exerce o cargo de professor: a grandeza de humanidade, a capacidade de relação, a exigência — mesmo dura às vezes — para com os alunos, unida a um acolhimento pessoal profundamente atento e respeitador de cada pessoa.

Pela seriedade com que têm assumido as tarefas directivas da escola, pela dedicação humanizante à dimensão administrativa do ensino, pela orientação construtiva de tantas semanas de actualização, pela dignificação cultural do clero e dos leigos que insistentemente promoveram, pelo exemplo de vida, verdadeiramente sábia, bem os podemos considerar nossos mestres.

Agradecemos a adesão imediata a esta iniciativa por parte da Presidência do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa, da Fundação Eng^o António de Almeida e do Governo Civil do Porto, expressa através da concessão de um subsídio destinado à edição deste número.

C. A.



António Augusto de Sousa Marques

António Augusto de Sousa Marques

Foi com um misto de satisfação e temor que recebi o convite para, desta forma, me associar às celebrações do septuagésimo aniversário do Dr. António de Sousa Marques. Se a satisfação está justificada pela amizade que nos liga, os receios e o temor ao facto de levar a bom termo a tarefa que me era pedida*.

Por formação académica não sou dado às 'letras', por outro lado o Dr. Marques mereceria, no meu ponto de vista, alguém mais capaz do que eu para fazer o retrato da sua vida como merece. A amizade venceu os receios. A alegria sobrepôs-se aos temores.

A amizade cimentou-se com a minha entrada para o corpo docente do Seminário de Vilar, onde leccionei durante alguns anos. Aqui tive muitas e amenas conversas. Recordo também as conversas tidas nos inícios das tardes de sábado nas cadeiras da Cervejaria então da CUFFP.

O Dr. António de Sousa Marques nasceu em 30 de Maio de 1924, em Santo Isidoro de Riba-Tâmega, freguesia do Marco de Canaveses, sendo seus pais António Marques de Queirós e Maria Adelaide de Sousa Marques.

Terminada a instrução primária, ingressa na secção do Seminário no Colégio de Ermesinde em 1937, iniciando o seu curso de Teologia em 1944.

* Que me perdoe o Dr. Marques, se com as linhas que aqui deixo, firo a sua memória. Não foram só os olhos da amizade, que deram força a este depoimento. Este resultou de outros depoimentos que, recolhidos com esta finalidade, me transmitiram uma imagem, coincidente com a minha. Que perdoe a traição que lhe fiz com este mesmo objectivo, há bem poucos dias.

Em 1946 continua o curso de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Em 9 de Outubro de 1949 é ordenado com mais 39 neo-presbíteros, na Basílica de S. João de Latrão, pelo que viria a ser mais tarde o Cardeal Traglia.

O seu curso de Filosofia é completado na mesma Universidade em 1951, ano em que regressa ao Porto. No mesmo ano é nomeado para prefeito do Seminário de Vilar, e no ano seguinte inicia a sua actividade docente no mesmo Seminário. Em 1 de Outubro de 1956 é nomeado Vice-Reitor do Seminário de Vilar.

Nesta época é fundada no Porto a Escola de Serviço Social, onde ministrou aulas de Filosofia durante alguns anos. A sua actividade docente estendeu-se ao Seminário Maior. A obediência esclarecida, a lealdade e a sua dedicação à Igreja levaram D. António Ferreira Gomes, recém regressado do exílio, a fazê-lo, em 11 de Abril de 1971, cónego da Sé do Porto. Em 1974 ingressa no corpo docente do Instituto de Ciências Humanas e Teológicas, e a partir de 1979 até 1987, passou a fazer parte da direcção — presidida pelo Dr. Godinho de Lima e com a participação dos Drs. António Marto e Geraldo Coelho Dias —, como director do Curso Pro-pedeútico e Secretário.

Em 1987, com os Drs. Godinho de Lima (director), António Bessa Taipa e Raimundo de Castro Meireles assume a direcção da Faculdade de Teologia da U.C.P. A partir de 1991 a direcção passa a ser constituída pelos Drs. Arnaldo de Pinho, António Marto, Jorge Cunha e sempre com o conselho experimentado de António de Sousa Marques.

Leccionou as seguintes matérias: História da Filosofia Antiga (1979-80, 1982-87), História da Filosofia Moderna (1980-86; 1987-94), Teoria do Conhecimento (1979-94), Ética Geral (1983-1994), Ética Social (1979-82 e como cadeira de opção «Questões selectas de Filosofia Social», 1990-91; 1992-93), Lógica (1983-94), Epistemologia (1985-86; 1987-88); orientou o Seminário «Filosofia de Nietzsche» (1979-80); e a cadeira de opção «A Filosofia de Marcuse» (1980-81; 1981-82). Estes dados são recolhidos do *Anuário* publicado desde 1979 até 1994.

Como professor presta ainda a sua colaboração no Centro de Cultura Católica. É juiz do Tribunal Eclesiástico, desde há dezenas

de anos. Exerce desde 1985 as funções de Reitor do Seminário do Bom Pastor (Ermesinde).

Mais que os dados biográficos, o seu retrato como homem e como sacerdote é aquele que me parece ser o mais importante.

Nascido no seio de uma família numerosa de um casal de professores com 8 filhos, herdou dela, como diz um dos seus irmãos os «seus três amores — o sacerdócio, o professorado e a família».

A sua Fé profunda, esclarecida, contagiante, o seu amor à verdade, levam-no a servir exemplarmente a Igreja de que quer ser ministro de forma plena, com humildade, com serenidade, com inteligência, com lealdade. Aceita tarefas com que não concordou, mas faz depois, de forma clara e frontal a apresentação das razões da sua discordância. Tem a arte de manter o diálogo, sem imposições, sabendo ouvir com serenidade, sempre disponível para a ajuda.

Se o testemunho de vida é, senão o primeiro, o mais importante para a Evangelização, o Dr. Marques exerceu-o de forma exemplar. Nos contactos que teve e tem nas várias casas de formação por onde passou e ainda passa. Nos diversos organismos onde foi ou ainda é assistente espiritual. Na JECF, na JUCF e nas Equipas de Nossa Senhora (Porto 13).

Na JUCF soube apoiar e incentivar a direcção diocesana nos tempos difíceis das crises académicas das décadas de 50 e 60. Marcou de forma indelével gerações e gerações de homens e mulheres, quer a daqueles que perseveraram na Fé, quer daqueles que a vida fez vacilar. Sabe ser discretamente actuante, incentivador de iniciativas, sempre atento mesmo às pequenas coisas, tendo delas uma visão profunda. Sem ser profeta, tinha uma visão do futuro.

A sua Fé, o seu humanismo, o seu profundo amor a Deus e aos homens, fizeram dele um homem de Esperança, e a Esperança fez dele um homem sempre bem humorado. Um homem simples e modesto. Exigente com os outros porque muito exigente consigo mesmo.

O seu misticismo não o impediu do prazer inocente de assistir a um desafio de futebol. E este facto, dizia com o seu habitual bom humor, tê-lo-ia impedido de assumir maiores responsabilidades eclesiais.

Os seus alunos reconhecem nele o professor conhecedor, honesto e exigente, mas parcimonioso nas classificações.

De um seu aluno foi ouvida esta frase: «Como professor odiámo-lo, como superior amámo-lo». Testemunho eloquente sobre a sua personalidade de pedagogo e superior de seminário. O grau de exigência que pôs na sua vida não o impediu de ser profundamente humano.

Como professor não se limitava à transmissão de conhecimentos aos seus alunos. Sempre teve como objectivo o desenvolvimento das capacidades da inteligência.

Não foram nem o seu amor ao sacerdócio, servindo responsabilmente e com dedicação a Igreja, nem a sua vocação congénita de mestre, que o impediram de viver o seu terceiro amor — a família. Continua a saber manter os laços familiares, com a convivência que julga de equilíbrio com os outros dois amores.

E esta ligação ao passado e à família, vive-a mais intensamente nas férias escolares, na sua casa, que reconstruiu, na aldeia natal. E, aqui descontraidamente, não passa sem ir até ao Marco ou Amarante, ler o seu jornal, tomar o seu café e dar dois dedos de conversa com os muitos amigos que encontra. As férias grandes inicia-as sempre por um período de recolhimento e repouso no Sameiro.

O Dr. António de Sousa Marques traduziu do italiano *Heresias do nosso tempo* de G. Ceriani e outros, cuja primeira edição, da Liv. Tavares Martins data de 1956, e a 2ª de 1960. Do P.º R. Lombardi traduziu *O homem e a História* editado pela Liv. Figueirinhas em 1963.

Sendo profundo conhecedor do Marxismo, participou numa mesa redonda com os Drs. Castro Fernandes, Francisco Pereira de Moura e Jofre A. Nogueira, na sequência da qual seria publicada uma brochura com o título *Marxismo / Cristianismo* (Porto: Editorial Telos, 1972).

VIRGÍLIO ANTUNES SEISDEDOS



José António Godinho de Lima